

A LEITURA E A ESCRITA NO TRABALHO DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS

The reading and the writing in the maids' job

RESENDE, Patrícia Cappuccio de¹
GALVÃO, Ana Maria de Oliveira²
BATISTA, Antônio Augusto Gomes³

RESUMO

Este artigo aborda as práticas de leitura e de escrita que estão presentes no fazer profissional de empregadas domésticas em lares letrados. Trata-se de parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada "Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito" e que procurou compreender as relações que se estabelecem entre empregadas domésticas e a cultura escrita existente no ambiente de trabalho. O estudo fundamenta-se nas pesquisas desenvolvidas a respeito dos modos de participação nas práticas culturais relacionadas à escrita e nos estudos sobre o emprego doméstico. Foram estudados quatro casos de empregadas domésticas com reduzido capital escolar, com histórias de vida marcadas pelo difícil acesso a materiais escritos, e que trabalham para empregadores efetivamente inseridos na cultura escrita considerada legítima. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com as empregadas e seus patrões e de observações realizadas nas residências de ambos. Constatou-se que a prática profissional das empregadas investigadas é permeada por situações nas quais lhe são demandas leitura e escrita. Para exercerem suas funções, essas mulheres realizam escritas/leituras domésticas que colaboram em sua aproximação do mundo da escrita.

Palavras-chave: Empregadas domésticas; Cultura escrita; Trabalho.

ABSTRACT

This article approaches the practices of reading and writing that are present in the professional quotidian of maids in literate homes. This is part of the dissertation named 'Ways of participation of maids in the written culture' that tried to comprehend the relations established between maids and the written culture that exist in their occupation settings. This research is based on studies made on ways of participation in written culture, as on studies on housework. Four cases of maids with small scholar capital were studied. Maids whose stories of life were marked by a difficult access to written materials, and that work for employers who are effectively inserted in the written culture considered to be legitimate. The data was collected by interviews with the maids and their employers and by observations realized in

¹ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG, Professora do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais/Campus Barbacena. E-mail: patriciacappuccio@gmail.com

² Professora da Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: anamgalvao@uol.com.br.

³ Professor da Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: agomesbatista@uol.com.br.

their residences. It was verified that the maids' professional practice is marked by situations in which reading and writing are demanded. To practice their job, these women realize domestic writing/reading that collaborate to their approximation of the written world.

Keywords: Maids; Written culture; Work.

INTRDOUÇÃO

Como empregadas domésticas pouco escolarizadas que trabalham em lares letrados se relacionam com a cultura escrita fortemente presente nesses espaços? O trabalho doméstico que se constitui principalmente de atividades tais como cozinhar, limpar, organizar a casa exige o uso das habilidades de leitura e escrita? Que práticas de leitura e de escrita são vivenciadas no fazer profissional? Essas são questões que guiaram este estudo, inicialmente uma dissertação de mestrado (RESENDE, 2008).⁴ Em outras palavras, procurou-se compreender as relações que se estabelecem entre empregadas domésticas e a cultura escrita existente no ambiente de trabalho (ambiente que, embora doméstico, é sempre de outro, próximo no cotidiano e distante no espaço social).

Para a realização da pesquisa, foram estudados quatro casos de empregadas domésticas com reduzido capital escolar,⁵ com histórias de vida marcadas pelo difícil acesso a materiais escritos e que trabalham para empregadores inseridos na cultura escrita considerada legítima.

CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SOBRE CULTURA ESCRITA E SOBRE EMPREGO DOMÉSTICO

A pesquisa fundamenta-se em diferentes estudos que tratam da participação na cultura escrita e em pesquisas sobre o emprego doméstico. Todas as referências aqui apresentadas auxiliaram, de alguma maneira, na compreensão do objeto da pesquisa. No caso da leitura e da escrita, os estudos contribuíram para a análise das práticas de leitura e de escrita vivenciadas pelas domésticas. Por outro lado, os estudos sobre o emprego doméstico ajudaram na compreensão das condições de trabalho (objetivas e psicológicas) vividas por esse grupo ocupacional e que possuem implicações para com o modo de se relacionar com a cultura escrita na casa dos patrões.

Estudos brasileiros e internacionais sobre a leitura e a escrita numa perspectiva social buscam compreender como indivíduos se aproximam do mundo da escrita, como se formam leitores, como se tornam usuários da leitura e da escrita em seus cotidianos. Essas pesquisas demonstram a importância do contato com materiais escritos ainda na infância, de práticas

⁴ A dissertação também analisou práticas de leitura e de escrita proporcionadas pelo trabalho doméstico em ambiente letrado e outras práticas de leitura e de escrita que fazem parte da vida das empregadas domésticas (escola, família, religião, outras atividades remuneradas). Ver Resende (2008).

⁵ O termo capital escolar é utilizado de acordo com a acepção que lhe confere Bourdieu (1998), ou seja, refere-se ao desenvolvimento de disposições e à posse de títulos escolares que atribui aos seus possuidores benefícios culturais, materiais e simbólicos. Ver Bourdieu (1998, p.78-79).

de leitura e de escrita precoces, da presença de pais leitores, da escolarização, entre outros elementos, para a formação de leitores. Alguns exemplos dessas pesquisas são: Heath (1987), Rego (1990), De Singly (1993 e 1996), Soares (2002), Lahire (2002 e 2004), Galvão (2003) e Batista e Ribeiro (2004).

Sobre a família, o estudo de Heath (1987) indica a importância dos contextos familiares para que diferentes formas de se relacionar com a escrita sejam construídas. Trata-se de uma pesquisa no campo da etnografia sobre os modos de se relacionar com as histórias escritas que famílias de diferentes comunidades dos Estados Unidos possibilitam às suas crianças. Segundo Heath, durante a socialização familiar, as crianças aprendem a selecionar, reter e recuperar o conteúdo dos livros e de outros materiais escritos de acordo com as regras da comunidade. Em algumas comunidades, os modos de se relacionar com a escrita em casa são parecidos com os modos da escola, possuindo essas crianças maiores chances de atender às expectativas desta em relação às habilidades de leitura (HEATH, 1987, p.97).

Lahire (2004a) também aponta que a experiência com a escrita e com a leitura em casa, no seio da família, contribui para que um determinado tipo de relação com essas práticas seja construído. Segundo o autor, a observação das situações de leitura e de escrita dos pais feita pelas crianças resulta na associação dessas práticas como naturais e prazerosas ou pouco prováveis e difíceis. Para o pesquisador, não basta que a experiência de leitura e de escrita exista; para ser válida e servir de exemplo às crianças, é preciso que ela seja positiva.

Especificamente sobre a escolarização, estudos demonstram que a frequência à escola contribui para que os indivíduos diversifiquem e intensifiquem suas práticas de leitura e de escrita. Análises dos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional realizadas por diferentes pesquisadores ressaltaram a importância da escolarização para a aproximação dos indivíduos da cultura escrita. Ribeiro, Vóvio e Moura (2002) analisaram os dados dessa pesquisa e concluíram que o grau de instrução é a variável mais decisiva nos níveis de alfabetismo da população (RIBEIRO *et al*, 2002, p.64).

Soares (2003) se dedicou à análise dos dados do INAF e mostrou que, apesar das diferenças significativas entre letramento escolar e letramento social,

há uma correlação positiva entre grau de instrução e níveis de letramento. [...] os dados mostram que, de maneira significativa, embora não absoluta, quanto mais longo o processo de escolarização, quanto mais os indivíduos participam de eventos e práticas escolares de letramento, mais bem sucedidos são nos eventos e práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita (SOARES, 2003, p.111).

Para Soares (2003), o fato de a escolarização se constituir como um fator importante para o desenvolvimento das habilidades para lidar com a leitura e a escrita socialmente pode estar relacionado ao pertencimento do letramento escolar e do letramento social a um processo mais amplo. Ou seja, segundo a autora, apesar de ocorrerem em espaços e tempos diferentes, esses dois tipos de letramento fariam parte de um mesmo processo. Assim, o letramento desenvolvido na escola contribuiria para tornar os sujeitos aptos a participar das diversas práticas sociais da leitura e da escrita.

Batista e Ribeiro (2004) também realizaram uma análise exploratória da distribuição do acesso à cultura escrita no Brasil e de seus principais

condicionantes a partir dos dados do INAF e mostraram que o capital cultural da família de origem, a classe social, a raça e o gênero influenciam o acesso a níveis mais elevados de alfabetismo. Entretanto, segundo os autores, a escolaridade é o fator que mais se destaca para o acesso à cultura escrita, já que, de acordo com os resultados do teste aplicado a uma amostra da população nacional de 15 a 64 anos, o nível mais alto de alfabetismo só é majoritário entre pessoas com pelo menos a educação básica completa.

Sobre as relações entre cultura escrita e trabalho, Ribeiro (1999) indica que “excetuando a escola, o trabalho é o contexto que mais intensamente exige o uso das habilidades relacionadas ao alfabetismo e aquele em que mais claramente se expressam as motivações dos sujeitos em relação ao seu desenvolvimento” (RIBEIRO, 1999, p.88).

Em sua pesquisa, a autora observou que as pessoas que apresentavam um nível de habilidade de leitura e de escrita além do esperado para a sua escolaridade eram aquelas que possuíam a oportunidade de desenvolver essas habilidades no contexto de trabalho. Por outro lado, as pessoas que apresentavam habilidades aquém do esperado para o seu nível de escolaridade não possuíam no trabalho oportunidades para manter ou desenvolver as habilidades que haviam sido adquiridas na escola (RIBEIRO, 1999, p.168).

Galvão (2001) igualmente ressalta a importância da ocupação profissional para a existência de uma maior ou menor intimidade das pessoas com a escrita. Segundo a autora,

sujeitos que exerceram, durante a maior parte da vida, ocupações manuais, assalariadas ou “autônomas” (de subsistência, como o trabalho no campo), ou, no caso da maior parte das mulheres, não trabalharam fora do lar, apresentaram menores níveis de letramento. Trabalhadores em ocupações semi-especializadas, em contrapartida, revelaram maior grau de inserção na cultura escrita (GALVÃO, 2001, p.84).

Se o trabalho pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, ele também pode “selecionar” pessoas com certo nível de alfabetismo para executar determinada função. É o que a análise que Britto (2003) fez dos dados do INAF apresentou. Ele apontou que a porcentagem de pessoal empregado em cada nível de alfabetismo não varia muito; entretanto há uma concentração de pessoas com o mesmo nível de letramento desempenhando a mesma ocupação.

Vale mencionar que nem sempre as competências para ler e escrever foram valorizadas e almejadas por quem oferecia emprego. Graff realizou um estudo histórico no qual buscou “esclarecer as contradições das conexões percebidas entre a educação, conforme medida pela alfabetização, e o nível de emprego, para mostrar que a alfabetização nem sempre foi tão central aos empregos e às remunerações no século XIX” (GRAFF, 1994, p.207-208). A análise do papel da alfabetização em uma Companhia Madeireira revelou que os níveis de alfabetismo eram importantes na esfera ocupacional, mas não nos salários, na flexibilidade ou no aumento do salário. Outras características dos trabalhadores eram valorizadas, como a habilidade e a experiência.

Pesquisas sobre diferentes ocupações, tais como operários da indústria têxtil (HEATH, 1982), porteiros de edifícios (COUTINHO, 2005) e ferroviários (SEIBEL, 1993) abordaram o uso cotidiano da leitura e da escrita nessas ocupações. Heath (1982) mostrou que poucas práticas de leitura e de escrita eram vivenciadas por trabalhadores do setor têxtil. Em cada sessão da

fábrica, pouco material escrito era colocado em evidência. Além disso, a forma de admissão no emprego era diretamente no escritório da fábrica, um empregado lia para o candidato ao emprego um formulário e anotava as respostas. A aprendizagem do trabalho era realizada por meio da observação de trabalhadores antigos e a forma de treinamento priorizada acontecia na área de produção da fábrica.

Coutinho (2005), por sua vez, analisou o perfil de porteiros de edifícios em Maceió; o nível de letramento que possuem, bem como as práticas e os eventos de letramento vivenciados pelos sujeitos na esfera do trabalho. A autora constatou que, embora os sujeitos investigados não apresentem habilidades suficientes para ler e escrever com facilidade e desenvoltura, “conseguem se adaptar e desenvolver normalmente suas atribuições, criando estratégias de interação com a maioria das atividades discursivas escritas” no ambiente de trabalho (COUTINHO, 2005, p. 95). Para a autora, “a grande maioria das práticas de leitura e escrita que os sujeitos participam no ambiente de trabalho contribuem para a sua formação letrada, de modo que eles mesmos percebem essa melhora na sua capacidade de ler e escrever” (COUTINHO, 2005, p.95).

O trabalho de Seibel (1993) sobre a identidade profissional e sua relação com a leitura no caso de ferroviários franceses evidenciou que, de modo geral, os ferroviários não precisavam de práticas de leitura e de escrita para exercer corretamente suas tarefas. A leitura era requerida para memorizar alguns escritos que eram posteriormente dispensados no cotidiano do trabalho e para substituir a falta de experiência. A escrita, por outro lado, não era bem percebida pelos antigos funcionários. Para a autora, isso poderia estar relacionado com a valorização de saberes profissionais da experiência, em detrimento dos saberes técnicos.

As pesquisas expostas acima nos ajudam a tornar complexos os fatores que influenciam a participação na cultura escrita. A família, a escola e o trabalho (com exceções) são importantes para a aproximação dos sujeitos da cultura escrita. Entretanto, grande parte desses mesmos estudos tem evidenciado que esses fatores são importantes na construção de um leitor, mas não podem ser tomados independentemente. No caso do trabalho de domésticas, como se organizariam esses fatores ou condições que aproximariam ou afastariam o mundo da escrita?

Além desses estudos que exploram a relação entre escrita e família/ escola/ trabalho, a pesquisa baseou-se nas considerações de Lahire (1997) a respeito das escritas domésticas, uma vez que, embora ligadas ao trabalho, as escritas que permeiam o fazer das empregadas domésticas acontecem em um espaço privado. As escritas a que se refere o autor são aquelas que estruturam a vida cotidiana, tais como: bilhetes, listas (de compras, de coisas a fazer, de coisas a dizer ao telefone), lembretes, marcações em calendários, registros em agendas etc. O autor nos mostra que elas permitem o rompimento com uma lógica prática presente em nossas ações, permitindo-nos maior planejamento e controle. Essas escritas são motivadas por razões específicas, tais como: o aspecto extraordinário, não-habitual, excepcional de um acontecimento; o distanciamento das datas a serem controladas; a complexidade das práticas que demandam organização por meio de planificação; o receio de se esquecer acontecimentos, encontros e prazos oficiais; o desejo de se fazer presente quando o corpo não pode marcar presença e, por último, de maneira menos frequente; as situações de

desequilíbrio do senso prático causadas por situações como depressão ou perturbações mentais (LAHIRE, 1997, p.120-125).

Por último, para compreender as relações das domésticas investigadas com a escrita, fez-se necessário conhecer o universo social dessas profissionais. Dessa forma, é importante mencionar que pesquisas sobre o emprego doméstico aliadas aos censos produzidos sobre o tema permitiram conhecer quem são os empregados do serviço doméstico no Brasil. A grande maioria são mulheres, nascidas no campo e pertencentes aos grupos sociais mais desfavorecidos. No Brasil, 20% das mulheres que trabalham são empregadas domésticas. Em Belo Horizonte, segundo dados do IBGE de 2006, apenas 55,4% dos empregados domésticos têm carteira assinada. A baixa escolaridade é fator de destaque, visto que 64% dos trabalhadores domésticos em Belo Horizonte têm menos de oito anos de estudo (IBGE, 2006).

As pesquisas também nos mostram que o trabalho doméstico é uma atividade estigmatizada em nossa sociedade, caracterizada pela falta de autonomia, pela ausência de coletivo de trabalho, pelo controle, pelo caráter fatigante e pela presença da afetividade na relação com os patrões. Ao mesmo tempo, as pesquisas têm mostrado as capacidades ativas dessas profissionais para contornar as situações de trabalho que vivenciam.⁶

METODOLOGIA

Tendo em vista a complexidade do objeto da pesquisa, bem como o número de sujeitos investigados (quatro), a metodologia qualitativa foi utilizada como estratégia de pesquisa. A coleta de dados foi realizada principalmente por meio de entrevistas com as empregadas e com seus empregadores⁷. Três sessões de entrevistas (no mínimo) foram realizadas com as empregadas com os temas: rotina de trabalho, forma de admissão no emprego, trajetória profissional, trajetória familiar e escolar. Uma entrevista foi realizada com cada um dos empregadores (patrão e patroa) sobre seus percursos profissional e escolar, bem como sobre o que pensam em relação ao serviço doméstico. Observações na casa das empregadas e dos empregadores também foram feitas. Procurou-se observar situações nas quais alguma interação ocorreu por meio da leitura ou da escrita, bem como observações dos dois ambientes, quanto à presença de materiais escritos.

EMPREGADAS DOMÉSTICAS PESQUISADAS E SUAS FAMÍLIAS EMPREGADORAS

Seus nomes fictícios são Graça, Suely, Nazira e Cleonice (ver QUADRO 1 para uma síntese do perfil das empregadas). As idades delas variam de 37 a 57 anos. Graça e Nazira são divorciadas, Suely é casada e Cleonice é solteira. Apenas Nazira nasceu na zona rural. De modo geral, elas são oriundas de famílias numerosas. Três delas residem em casa própria e na companhia de

⁶ Ver Vidal (2007), IBGE (2006), Jacquet (2003), Brandt (2002), Kofes (2001), Brites (2000) e Melo (1998).

⁷ As razões para coletar dados junto aos patrões foram realizar uma triangulação com os dados coletados nas entrevistas com as empregadas e apreender os traços sócio-culturais das famílias empregadoras, suas disposições éticas e culturais, bem como de seus percursos profissional e escolar.

outros membros de suas famílias e Cleonice reside na casa de seus empregadores. Todas possuem menos de oito anos de estudo. Cleonice é a única que atualmente estuda, cursa a últimas séries do ensino fundamental na modalidade EJA. A maioria delas é evangélica. O ingresso no serviço doméstico se deu quando eram crianças ou jovens. Todas as quatro empregadas trabalham há mais de dez anos para as famílias empregadoras. Além disso, todas elas já realizaram outras atividades profissionais, a maioria delas de caráter manual.

Quando se comparam as trajetórias das quatro empregadas domésticas pesquisadas às pesquisas empíricas sobre domésticas brasileiras, bem como aos dados estatísticos produzidos pelo IBGE, percebe-se as empregadas entrevistadas possuem características comuns às outras domésticas brasileiras, bem como características peculiares que podem estar associadas ao perfil muito específico das famílias empregadoras selecionadas para a pesquisa: "famílias letradas".

As pesquisas sobre emprego doméstico apontam que a maioria das domésticas brasileiras é originária do mundo rural.⁸ Apesar de a migração do mundo rural para o mundo urbano ser recorrente no caso das empregadas domésticas brasileiras, apenas um dos quatro casos pesquisados por mim pode ser considerado nessa lógica. Nazira é a única empregada pesquisada que nasceu e passou a infância na zona rural da cidade de Governador Valadares (MG).

Quanto à escolarização, os dados do IBGE⁹ do mês de março de 2006 indicam que são poucos os empregados domésticos das principais regiões metropolitanas brasileiras que voltaram aos bancos escolares após adultos para prosseguirem os estudos que interromperam na infância ou na adolescência. Apenas 7,8% dos trabalhadores domésticos freqüentavam a escola e 2,7% freqüentavam curso supletivo ou de alfabetização de adultos. Os estudos revelaram também que, entre os trabalhadores domésticos, a proporção de pessoas com menos de oito anos de estudo, isto é, que não completaram o nível fundamental, atingiu 64,0% enquanto que para a população ocupada esta parcela correspondia a 29,8%.

Convém lembrar que os quatro casos pesquisados por mim são de empregadas pouco escolarizadas e que esse dado não se mostra apenas como um retrato da situação brasileira, mas sim como uma escolha metodológica. Escolheu-se pesquisar empregadas que não tivessem concluído o ensino fundamental para conseguir investigar melhor a influência do ambiente de trabalho nas práticas de leitura e escrita. Entre as quatro empregadas pesquisadas, uma concluiu o primeiro ano do primário, três seguiram até a quinta série quando ainda adolescentes e uma, dessas três últimas, encontrava-se cursando as últimas séries do ensino fundamental em um projeto de educação de jovens e adultos.

Vale dizer que, entre os motivos das interrupções dos estudos nos quatro casos, a necessidade de trabalhar foi mencionada em pelo menos três dos casos, confirmando o mencionado por Vidal (2007). Entretanto, apenas uma das entrevistadas tem o desejo de continuar a se escolarizar, justamente a que freqüenta a escola atualmente. Esse dado não corrobora a afirmação de

⁸ Ver Vidal (2007) e Jacquet (2003).

⁹ Esses dados foram produzidos pelo IBGE para a Pesquisa Mensal de Emprego nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Vidal (2007) de que a maioria das empregadas falam do projeto de retomar os estudos.

QUADRO 1: SÍNTESE DO PERFIL DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS INVESTIGADAS

	Graça	Suely	Nazira	Cleonice
Idade	45 anos	37 anos	57 anos	40 anos
Estado Civil	Divorciada	Casada	Divorciada	Solteira
Nascimento	São Paulo (SP)	Belo Horizonte (MG)	Vila Matias (MG)	Porto Firme (MG)
Irmãos	1	7	5	9
Com quem reside	Mãe e filha	Esposo e filha	Filha e dois netos	Com os patrões e as filhas deles
Escolaridade	5ª série incompleta	5ª série incompleta	1º ano do primário	Cursa últimas séries do E.F. (EJA)
Religião	Evangélica	Evangélica	Católica	Evangélica
Ingresso no serviço doméstico	Aos 17 anos	Aos 10 anos	Aos "vinte e poucos" anos	Aos 11 anos
Há quantos anos trabalha p/ a família	11 anos	12 anos	20 anos	14 anos
Outros trabalhos	Auxiliar de costureira, vendedora, babá, secretária, cozinheira.	Babá, auxiliar de limpeza, artesã.	Agricultora e camareira.	Vendedora autônoma.

Sobre as condições de trabalho como empregada doméstica, dois aspectos merecem destaque. O primeiro é o fato de o emprego doméstico no Brasil possuir baixos índices de formalização e o segundo é a característica pouco autônoma da ocupação, mencionada por alguns autores. Quanto à primeira característica, a pesquisa do IBGE (2006) aponta que apenas 34,4% das domésticas nas metrópoles pesquisadas tinham carteira de trabalho assinada. Essa porcentagem é um pouco superior no caso de Belo Horizonte, 44,6%. Tal condição do trabalho doméstico o coloca em uma situação

desfavorável, já que a posse da carteira de trabalho assegura uma série de vantagens em relação aos trabalhadores sem vínculo formal.

Quanto à segunda característica, é interessante notar que alguns trabalhos, como os de Vidal (2007) e Brandt (2002), explicitam a falta de autonomia vivida por muitas empregadas domésticas, tanto no que se refere à seqüência das tarefas a ser realizada, quanto no que se refere aos arranjos de horários para iniciar e terminar o serviço. As entrevistadas por Vidal (2007) se queixam de não poderem organizar seus trabalhos como desejam, devido às constantes mudanças de ordens dos patrões que acabam impedindo o encontro de um equilíbrio em suas rotinas.

Nas famílias observadas por mim, encontrei uma condição de trabalho muito diferente. Todas as quatro empregadas domésticas pesquisadas têm carteira de trabalho assinada e têm autonomia no gerenciamento de suas atividades. Elas são interrompidas basicamente para atender ao telefone e a jornada de trabalho diária é muitas vezes encurtada, com o consentimento dos patrões. Essas características do contexto de trabalho são valorizadas pelas domésticas pesquisadas e, talvez, estejam relacionadas ao perfil da família empregadora. É provável que empregadores muito letrados e muito escolarizados tenham mais sensibilidade social para perceber a dureza do trabalho doméstico

QUADRO 2: SÍNTESE DO PERFIL DAS FAMÍLIAS EMPREGADORAS

	Família para a qual Graça trabalha	Família para a qual Suely trabalha	Família para a qual Nazira trabalha	Família para a qual Cleonice trabalha
Composição	E. (48 anos), T.(47 anos) e dois filhos (15 e 19 anos)	Sr. I. (57 anos), C. (59 anos) e dois filhos (25 e 28 anos)	W. (59 anos), M. (58 anos) e três filhos (27, 29 e 30 anos)	S. (44 anos), A. (42 anos) e duas filhas (5 e 16 anos)
Formação dos patrões	Especialização em Finanças / Psicologia	Doutorado em Medicina / Especialização em Saúde Pública	Doutorado em Psicologia / Especialização em Saúde Pública	Doutorado em Educação Física / Doutorado em Educação
Profissão dos patrões	Micro-empresário / professora das 1 ^{as} séries do E.F.	Professor universitário / Funcionária pública e professora universitária	Professor universitário, psicólogo clínico e analista institucional / Funcionária pública	Professores universitários
Práticas de leitura dos patrões	Best sellers, clássicos da literatura, Bíblia, revistas, jornal, livros especializados.	Jornais, revistas científicas, livros técnicos, romances.	Jornais, romances, livros religiosos, livros técnicos e revistas científicas.	Jornais, livros sobre culinária, livros técnicos, revistas científicas, romances.

O QUADRO 2 sintetiza o perfil das famílias para as quais as empregadas trabalham. Todas as famílias são compostas por casal e filhos. Os filhos de W. e M. não moram com os pais, pois já alcançaram a independência e o filho do Sr. I. e de C. reside no exterior. As idades dos patrões são um pouco diferentes. Dois casais são mais jovens, na faixa dos 40 anos e dois são mais

velhos, na faixa dos 50-60 anos. A alta titulação está presente em três famílias, nas quais pelo menos um dos patrões é doutor. Em todas elas, há a presença de pelo menos um dos patrões professor, sendo que, em três famílias, há professores universitários. As práticas de leitura dos patrões são diversificadas e intensas em todos os casos, tais como jornais, livros técnicos, revistas científicas, romances.

AS PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA CONSTITUINTES DA OCUPAÇÃO PROFISSIONAL

Para responder à questão de pesquisa, buscou-se apreender e reconstruir as práticas de leitura e de escrita constituintes da ocupação profissional, ou seja, as práticas que se fazem necessárias no fazer profissional.

BILHETES E RECADOS TELEFÔNICOS – Todas as empregadas domésticas comprometem-se com práticas de leitura e/ou escrita de bilhetes e recados telefônicos. Na ausência dos membros das famílias empregadoras, são elas que atendem ao telefone e registram os recados. Quando os patrões saem de casa antes que elas cheguem ao trabalho, às vezes deixam bilhetes - que dizem respeito à execução de alguma tarefa, ao cardápio do almoço ou alguma orientação para receberem mercadorias que serão entregues – que são lidos por elas. Por outro lado, quando elas saem do trabalho e não há ninguém em casa, por vezes deixam bilhetes para os patrões, como, por exemplo, lembrando-os de comprar algum item necessário à execução de suas tarefas. Na presença dos patrões, a preferência (por ambas as partes), de modo geral, é que a comunicação aconteça oralmente. Apenas Graça prefere os recados escritos aos orais, mesmo na presença dos empregadores.

As escritas desse tipo se constituem como uma das maneiras de romper com o senso prático. Nas palavras de Lahire,

o quinto exemplo se relaciona às situações nas quais o corpo está ausente e onde o escrito continua a marcar a sua presença. É o caso dos bilhetinhos entre os membros da família ou correspondências escritas. Aqui, o senso prático imediatamente executado no seio de uma situação não pode operar já que o corpo não está presente na situação: ele está em outro lugar. O escrito permite então compensar a ausência corporal efetiva para continuar a exercer a sua ação (Tradução sob minha responsabilidade).¹⁰

Os bilhetes são mais facilmente substituídos por uma interação oral do que os recados telefônicos. O recado de alguém que telefona para a residência geralmente tem um conteúdo desconhecido pela empregada e, talvez por isso, mais difícil de ser rememorado e transmitido oralmente.

As escritas domésticas foram descritas por Lahire (1997) como mais espontâneas por serem privadas e, logo, por não terem uma avaliação exterior. O mesmo não acontece com as escritas das empregadas domésticas no ambiente de trabalho, já que o quê elas escrevem é avaliado pelos patrões (sujeitos mais escolarizados e de outro meio social). Por isso, as escritas domésticas realizadas pelas empregadas domésticas investigadas

¹⁰ *Le cinquième cas de figure se rapporte à des situations d' où le corps est absent et où l'écrit continue à marquer sa présence. C'est le cas des petits mots entre membres de la famille ou des correspondances écrites. Ici, le sens pratique immédiatement mis en oeuvre au sein d'une situation ne peut opérer puisque les corps n'est pas en situation: il est ailleurs. L'écrit permet alors de compenser l'absence corporelle effective pour continuer à exercer son action (LAHIRE, 1993, p.124).*

no ambiente de trabalho são acompanhadas de tensão. A preocupação com a ortografia, com a coerência e até mesmo com a caligrafia faz-se presente.

LISTA DE COMPRAS – Todas as empregadas participam, de alguma maneira, da escrita ou da leitura da lista de compras. A lista pode ser escrita pela patroa e lida pela empregada que realiza as compras (GRAÇA); pode ser escrita pela empregada e lida pela patroa no momento das compras (SUELY); pode ser ditada pela empregada e escrita pela patroa que também realiza as compras (NAZIRA); ou, ainda, pode ser escrita pela empregada e lida pelos patrões, quando eles fazem as compras, ou por ela própria, quando faz as compras (CLEONICE).

Baseando-me na pesquisa de Lahire (1993), considero que, entre as outras práticas de escritas domésticas descritas, as listas de compras ocupam uma posição particular, na medida em que possibilitam um nítido rompimento com o senso prático. As empregadas pesquisadas dizem frequentemente que não precisariam de lista para fazer as compras para a casa da patroa. Relatam saber sempre de memória o que precisa ser comprado, talvez porque, além de estarem envolvidas com as tarefas domésticas em tempo integral, são profissionais experientes. Ou seja, o senso prático incorporado por elas seria suficiente para que desempenhassem a ação de comprar sem a necessidade de antecipar, por meio da escrita, o ato da compra. Entretanto, como em muitas situações não são elas que fazem as compras, o pedido dos patrões se torna justificável e o senso prático que sempre funcionou para elas (em suas residências) é rompido. O trecho abaixo explicita de maneira precisa o controle sobre a ação proporcionado pelas listas:

As listas (de coisas a fazer ou dizer, de coisas a levar em viagens, de coisas a comprar) são frequentemente meios de fixar as ações futuras, os programas de ação, os planos. As listas de compras, por exemplo, estabelecem às vezes programas de deslocamento e se constituem, assim, de planos cujo princípio organizador apresentado é materialmente e objetivamente presente, o que os torna mais aptos a regular a ação, mais duráveis, mais completos e mais formais. Elas permitem também ganhar tempo, economizar seus passos [...] e não esquecer (Tradução sob minha responsabilidade).¹¹

RECEITAS CULINÁRIAS – O recurso às receitas culinárias no ambiente de trabalho pode ser considerado uma das práticas que implicam maior mobilização das empregadas. Todas elas sabem cozinhar sem o apoio de receitas e a escolha por se orientar por um livro ou por um caderno de receitas parece ser mais uma disposição relacionada à culinária. Em nenhum dos casos o acesso a receitas aconteceu por meio da família de origem. O interesse pela culinária possivelmente foi construído em suas vidas em virtude da ocupação que exercem. Cozinhar bem se inscreve como uma das qualidades profissionais. Além disso, pode-se afirmar que a aprendizagem ou o desenvolvimento das artimanhas da cozinha se deu, em todos os casos, nos ambientes de trabalho.

É interessante notar que o uso das receitas se faz presente até o momento em que se aprende a fazer de cor determinado prato. Graça é a única

¹¹ [...] *les listes (de choses à faire ou à dire, de choses à emporter en voyage, de commissions...)* sont souvent des moyens de fixer des actions futures, des programmes d'actions, des plans. Les listes de commissions, par exemple, établissent parfois des programmes de déplacements et constituent ainsi des "plans dont le principe organisateur est matériellement et objectivement présent, ce qui les rend plus aptes à régler l'action, plus durables, plus complets et plus formels". Elles permettent ainsi de "gagner du temps", d'économiser ses pas [...] et de ne "rien oublier" (LAHIRE, 1993, p.122).

empregada investigada que não recorre, por conta própria, às receitas culinárias presentes na casa da família empregadora.

A relação das empregadas com as receitas culinárias pode ser comparada ao caso dos operários pesquisados por Lahire (1993). O pesquisador relata que os profissionais pesquisados por ele só eram levados a ler e a escrever, no ambiente da fábrica, em raras ocasiões. O uso de planos de montagem e de fichas estava relacionado a uma prática de principiante. O operário experiente não precisa ler esses materiais, porque reconhece qual aparelho será montado, apenas observando quais peças soltas foram entregues a ele. A escrita estaria relacionada aos operários iniciantes que, por não terem o trabalho incorporado, precisariam recorrer às informações escritas disponíveis.

As leituras que os ferroviários franceses analisados por Seibel (1993) são parecidas com as dos operários descritas por Lahire (1993). Esses profissionais utilizam a leitura principalmente para substituir a falta de experiência. Depois de incorporado o modo de realizar determinado procedimento, não há mais necessidade de leitura.

No caso das domésticas pesquisadas por mim, uma situação parecida se observa, na medida em que o recurso às receitas culinárias foi mais intenso no momento de inserção no emprego doméstico. Foram as situações de exigência para cozinhar para pessoas de outro meio social e cultural que mobilizaram as empregadas a recorrerem às receitas escritas. A partir do momento que elas aprendem a fazer determinados pratos solicitados pela família, diminuem a intensidade da busca por receitas. No entanto, vale ressaltar que embora menos intensas, as leituras de receitas continuam presentes em todos os casos. A interpretação que pode ser dada para esse fato é o desejo e a preocupação constantes em agradarem os membros da família empregadora.

ORGANIZAÇÃO DE MATERIAIS ESCRITOS – Não é de responsabilidade das empregadas colocar em ordem livros e revistas das famílias empregadoras. Os patrões não exigem que elas façam essa tarefa e tampouco possuem expectativas a esse respeito. Por outro lado, a exigência da organização e da limpeza dos cômodos da casa, coloca as empregadas diante objetos escritos fora do lugar (são livros que se encontram num canto do sofá, jornais já folheados sobre a mesa de jantar, revistas velhas acumuladas em um canto qualquer) que devem ser organizados. Suely apenas limpa os materiais escritos espalhados e os coloca sempre no mesmo local, a primeira prateleira da estante (de modo que os membros da família já sabem onde devem procurar o livro que deixaram no sofá). Nazira descreve algumas estratégias para tentar organizar um livro que se encontra fora do lugar: observa o número do volume, a autoria e a editoria. Cleonice observa os títulos, as temáticas dos livros e o fato de pertencerem a uma coleção. No caso de Graça, essa organização é feita apenas pela patroa.

Surpreende o fato de que Nazira, a empregada menos escolarizada do grupo pesquisado; proveniente do meio rural, onde a circulação de impressos era extremamente baixa, desenvolva estratégias de organização dos materiais escritos que demanda conhecimento da cultura escrita legítima. Afinal, ela se apoia nas noções de autoria e de editoria para organizar os livros. Talvez, esse seja o exemplo mais significativo do “efeito” do emprego doméstico em lares letrados sobre as maneiras de se relacionar com a escrita.

ACOMPANHAMENTO DAS TAREFAS ESCOLARES – Apenas Cleonice se ocupa esporadicamente do acompanhamento das tarefas escolares da filha caçula dos patrões. Esse é o único caso no qual a empregada tem escolaridade mais elevada do que a criança. As outras empregadas são menos escolarizadas do que os filhos dos patrões e, mesmo em momentos anteriores, quando os filhos dos patrões eram crianças, não os auxiliavam na realização das tarefas escolares.

Nesse caso, alguns fatores podem contribuir para isso: o primeiro seria o fato de Cleonice possuir uma escolaridade mais elevada do que a menina (enquanto ela cursa os últimos anos do ensino fundamental, a menina ainda está na educação infantil), o segundo seria o fato de ficar sozinha por um grande período com a filha do casal (durante as manhãs) e o terceiro, não menos importante, reside no fato de os patrões confiarem na capacidade de Cleonice para acompanharem as tarefas escolares da menina (o que não demonstrou ser a realidade de outras famílias pesquisadas).

Acredito que o acompanhamento ocasional da tarefa de casa de uma criança que se encontra matriculada na educação infantil, mesmo constituindo-se de atividades simples, pode contribuir para a construção de uma imagem positiva que a empregada faz de si própria e até mesmo pode colaborar para aproximar a empregada de uma dimensão escolar que por muito tempo esteve afastada de sua vida.

Vale lembrar, como aponta Brites (2000), que esse tipo de tarefa não faz parte das expectativas da família. A autora pondera:

De forma significativa, não ouvi quase nada daquelas queixas tão comuns em famílias européias e norte-americanas [...] sobre o perigo de poluição moral das crianças através do contato com empregadas pouco instruídas. Nas entrevistas com os patrões, foi possível observar que o ensino dos filhos ocupa um lugar central nas suas preocupações. Inclusive, é muitas vezes justamente para pagar boas escolas particulares que os pais e mães aceitam se afastar durante longas horas de suas famílias [...]. **Porém, esses pais da classe média que entrevistei, quase nunca pensavam na empregada como uma fonte de aprendizado para os seus filhos.** Ninguém empregava uma babá com responsabilidades especializadas, voltadas para os filhos (cuidar das crianças estava incluído entre outras tarefas, como cuidar da roupa, da casa e cozinhar) (BRITES, 2000, p.96, grifos meus).

No cotidiano de trabalho das empregadas domésticas pesquisadas, a leitura e a escrita também estão presentes quando elas pagam contas para os patrões, recolhem recibos de produtos entregues na residência ou de serviços realizados, necessitam utilizar a agenda telefônica. Muitas dessas tarefas são endereçadas às empregadas devido à ausência dos patrões nos momentos em que são demandadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação de empregada doméstica em meios letrados é permeada por práticas de leitura e de escrita que aproxima, de certa maneira, essas mulheres do mundo da escrita. Para trabalhar nesses lares elas lêem e/ou escrevem bilhetes, recados telefônicos, lista de compras, receitas culinárias, além de organizarem os materiais escritos encontrados (NAZIRA e CLEONICE) e acompanhar as tarefas escolares da filha do patrão (CLEONICE).

As práticas de leitura e de escrita demandadas pelas domésticas, muitas vezes, não são comuns em seus meios de origem. Enquanto em suas

famílias de origem os bilhetes e recados telefônicos (exceção de Graça), a lista de compras e as receitas culinárias são pouco utilizadas, nas famílias para as quais elas trabalham essas escritas domésticas são comuns e se transformam, para elas, em escritas profissionais.

É importante mencionar que a participação das empregadas nessas práticas não é vivida da mesma maneira nos casos pesquisados. A intensidade da demanda que os patrões fazem dessas práticas varia de família para família. Da mesma maneira, pode-se dizer que o modo de se relacionar com essas práticas e a competência para executá-las são diferentes em cada caso pesquisado. Pelos limites desse artigo, as nuances dessa participação não puderam ser descritas.

Não foi objetivo desse artigo tratar das práticas de leitura e de escrita proporcionadas pelo trabalho doméstico em ambiente letrado, ou seja, práticas que não são intrínsecas ao trabalho, mas que são possibilitadas por ele, como as leituras formativas e informativas dos materiais disponíveis na casa dos patrões (jornais, revistas, livros etc.). Entretanto, vale mencionar que essas práticas não são intensas e diversificadas nos casos investigados. O fato de as domésticas serem levadas a escrever em algumas situações no trabalho não leva a muitos outros usos da leitura e da escrita em suas vidas. Ao que parece, as empregadas, com exceção de Cleonice, não vivem outras situações fora do trabalho que potencializam as aprendizagens feitas no emprego; em suas casas, fazem uso restrito da escrita na organização doméstica, embora o recurso a receitas apareça.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes e RIBEIRO, Vera Masagão. Cultura escrita no Brasil: modos e condições de inserção. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul./dez. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs). Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDT, Maria Elisa A. **O emprego doméstico na cidade de São Paulo**: como é vivido e representado. São Paulo: USP, 2002. Tese de Doutorado).
- BRITES, Jurema. **Afeto, desigualdade e rebeldia**: bastidores do serviço doméstico. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.) **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003. p.47-64.
- COUTINHO, Ana Carolina Faria. **Práticas e eventos de letramento de jovens e adultos**: um estudo com porteiros em Maceió. Maceió: UFAL, 2005.
- DE SINGLY, François. Savoir hériter: la transmission du goût de la lecture chez les étudiants. In: FRAISSE, Emmanuel (org.) **Les étudiants et la lecture**. Paris: PUF, 1993.
- DE SINGLY, François. L'appropriation de l'héritage culturel. **Lien social et Politiques**, Paris, n.35, p.153-165, 1996.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). **Revista Brasileira de Educação**, Caxambu, n.16, p. 81- 94, jan./abr.2001.
- _____. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.) **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.
- GRAFF, Harvey. **Os labirintos da alfabetização**: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HEATH, Shirley Brice. Protean Shapes in Literacy Events: Ever-shifting Oral and Literate Traditions. In: TANNEN, Deborah. **Spoken and written language**: exploring orality and literacy. ABLEX Publishing Corporation, 1982.

_____. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. In: _____. **Language Socialization across cultures**. Cambridge: Cambridge University Press, jun.1987. p.97-124.

IBGE. **Pesquisa mensal de emprego**: IBGE traça o perfil dos trabalhadores domésticos, 2006. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 04/05/2006.

IBGE. **Perfil dos trabalhadores domésticos nas seis regiões metropolitanas investigadas pela pesquisa mensal de emprego**, 2006. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 01/04/2008.

JACQUET, Christine. Urbanização e emprego doméstico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n.52, p.163-219, jun.2003.

KOFES, Suely. **Mulher, mulheres**: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

LAHIRE, Bernard. Pratiques d'écriture et sens pratique. In: CHAUDRON, Martine; DE SINGLY, François (dir.). **Identité, lecture, écriture**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1993.

_____. Masculin-féminin: écriture domestic. In: FABRE, Daniel (dir.). **Par écrit**: ethnologie des écritures quotidiennes. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1997.

_____. A experiência literária: leitura, sonho e atos falhos. In: LAHIRE, B. **Homem Plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. 1ed. 2ª Impressão. Porto Alegre: Ática, 2004a.

MELO, Hildete Pereira de. **O serviço doméstico remunerado no Brasil**: de criadas a trabalhadoras. Rio de Janeiro, junho de 1998.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil**: uma nova perspectiva de alfabetização na pré-escola. São Paulo: FTD, 1990.

RESENDE, Patrícia Cappuccio de. **Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2008. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo e atitudes**: pesquisa com jovens e adultos. Campinas: Papyrus; São Paulo: Ação Educativa, 1999.

RIBEIRO, Vera Masagão; VÓVIO, Cláudia Lemos; MOURA, Mayra Patrícia. Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n.81, p.49-70, dez.2002.

SEIBEL, Bernadette. Identité professionnelle et lecture: l'exemple des cheminots. In: CHAUDRON, Martine; DE SINGLY, François (dir.). **Identité, lecture, écriture**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1993.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 17ed. São Paulo. Editora Ática. 2002. 85 p.

_____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003. p.89-114.

VIDAL, Dominique. **Les bonnes de Rio**: emploi domestique et société démocratique au Brésil. Lille: Septentrion Presses Universitaires, 2007.